



## FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ? <sup>1</sup>

Ricardo Rezer

### RESUMO

*Este texto é recorte de uma pesquisa anterior, que abordou o trabalho docente na Educação Superior no campo da Educação Física (EF), a partir de uma perspectiva hermenêutica. O objetivo é discutir sobre as finalidades da formação inicial em EF. Os “achados” apresentados são oriundos de parte do trabalho de campo desenvolvido entre 2009 e 2010. Uma das finalidades da formação inicial seria proporcionar uma abordagem “panorâmica”, erudita e crítica da EF, em um movimento que perspectiva uma formação para a autonomia responsável no enfrentamento aos desafios do mundo contemporâneo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Inicial; Educação Física; Finalidade.

### INTRODUÇÃO

Inicialmente, parto do pressuposto de que a questão título deste texto, uma provocação decorrente de recorte de pesquisa anterior<sup>2</sup> (REZER, 2010), não vem recebendo a devida atenção da comunidade acadêmico-científica da Educação Física (EF). Este “esquecimento” pode ser produzido por sensações ilusórias de que, concordando com Balbinot (2006), já conhecemos o suficiente do que ainda deve ser conhecido. Como já se referiu Nietzsche (2001), o que é conhecido é habitual, e o habitual é o mais difícil de conhecer, de ver como problema, isto é, de ver como estranho, afastado, fora de nós. Partindo disso, o objetivo ora proposto é apresentar a síntese de uma discussão edificada em parte da referida pesquisa: Formação inicial em EF para quê? Sem dúvida, questão dessa monta se aproxima das discussões sobre identidade da EF, tema desta edição do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

O panorama da EF na Educação Superior não se constitui “naturalmente”, mas sim, conectado a um contexto maior, no qual necessidades, desejos, conhecimentos e interesses se

---

<sup>1</sup> Esta parte específica da pesquisa contou com financiamento PDEE-CAPES e foi realizada ao longo do Estágio realizado na U.PORTO, entre dezembro de 2009 e abril de 2010, Processo BEX: 3734/09-9.

<sup>2</sup> Em seu conjunto, a pesquisa foi desenvolvida entre 2007 e 2010 e abordou o tema “trabalho docente na Educação Superior no campo da EF”. Um trabalho de campo, realizado ao longo do segundo capítulo, foi desenvolvido entre julho/2009 e março/2010. O grupo de colaboradores foi constituído por 07 professores dos cursos de EF da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Os colaboradores foram nominados de forma fictícia de: Antonio, Baltazar, Cezar, Dionísio, Everton, Francisco e Gabriela. O instrumento utilizado para o trabalho de campo foi a entrevista semi-estruturada.

manifestam, em um jogo de forças cunhado ao longo de uma recente história. Este “jogo” vem se desenvolvendo sob diferentes correlações de forças, com diferentes interesses, corporativos ou não, que merecem maior estranhamento e esforço investigativo do próprio campo da EF.

Nesse cenário, investigar as finalidades da Educação Superior, especificamente na formação inicial, tomando como referência o campo da EF, representa uma importante e complexa empreitada, que ainda não foi enfrentada de forma consistente na EF brasileira. Mesmo assim, é importante reconhecer um incremento nos estudos que abordam algumas das preocupações ora apresentadas, nomeadamente os trabalhos de Azevedo (1999); Gonzalez (1999, 2004, 2007); Oliveira e Silva (2003); Krüger e Krug (2009), Rezer (2010), Rezer, Nascimento e Fensterseifer (2011); Rezer, Fensterseifer e Nascimento (2011); Rezer *et al* (2012), entre outros.

Embora isso, há ainda muitas lacunas envolvendo as finalidades do trabalho desenvolvido na Educação Superior, especialmente no campo da EF. Daí a importância de ampliar o processo de discussão e reflexão acerca desse assunto, por intermédio da pesquisa. Se a “presença” da EF vem sendo discutida em diferentes âmbitos, tais como a escola, academias, clubes, entre outros, também é importante discutir e problematizar sua “presença” na Educação Superior. Isso permite também, refletir com futuros egressos, acerca das responsabilidades da EF, qualquer que seja o âmbito de intervenção – tal esforço poderia contribuir para, por exemplo, transpor para a universidade, discussões que muitas obras produzidas por professores da Educação Superior propõem para outros âmbitos, tais como a escola.

## TENCIONANDO A QUESTÃO TÍTULO: FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ?

*“Esta é uma pergunta que o Google não responde.”*

(Professor Antonio)

Para responder esta pergunta, é comum ao imaginário social recorrer a uma expressão freqüentemente empregada por algumas universidades em períodos de vestibular, em campanhas publicitárias, entre outros: “Venha vencer na vida, venha para a Universidade...”. Nesse sentido, se evidencia a noção de que a finalidade da Educação Superior seria formar profissionais competitivos para o mercado de trabalho, na perspectiva de que, sendo um “bom profissional”, as chances de “vencer na vida” aumentariam consideravelmente.

Inicialmente, considero que chavões e clichês são bons para nos ajudar a parar de pensar. Penso que há mais preocupações teleológicas da Educação Superior do que formação para o mercado<sup>3</sup>. Porém, não é possível refutar essa incumbência, pois “formar bons profissionais para o mercado de trabalho” também é uma das prerrogativas de um processo de formação profissional, visto que o mundo em que vivemos se movimenta em meio a relações de mercado e necessitamos qualificar as respostas que damos a este cenário. Mesmo assim, esta compreensão não justifica pensar isso como “a” finalidade da Educação Superior. Enveredar esforços para isso, exclusivamente, é aceitar a universidade a reboque das demandas de mercado, e não, na medida do possível, dialogando com elas. Diferente disso vem se desenhando um quadro na contramão deste argumento, visto a tendência de diferentes universidades, mesmo as públicas federais, assumirem a lógica de uma formação (restritiva) para o mercado.

Partindo dessa compreensão, abordo a questão proposta no título deste texto sem pretensões de resolvê-la, considerando sua complexidade e a pertinência de discutir sobre ela neste momento da EF brasileira. A epígrafe, derivada da entrevista com o Prof. Antonio, expressa de forma interessante que respostas à determinadas questões, mesmo que provisórias, dependem do esforço dos protagonistas do próprio campo, e não há alguma entidade “divina” (em referência a epígrafe, o Google) que poderá responder sobre isso por nós. Como protagonistas responsáveis, lembro da necessidade de discutir questões teleológicas, bem como epistemológicas e axiológicas, de nosso próprio trabalho. Principalmente pela condição de que reformas da Educação Superior parecem não trazer contribuições substanciais a questão, talvez pelo fato de que se preocupam muito mais com questões normativas.

O argumento do professor Antonio, de que “essa é uma pergunta que é própria do humano, própria da filosofia e tem que ser respondida provisoriamente”, permite considerar que, se por um lado, a questão aqui enfrentada não se trata de pouca coisa, podemos respondê-la, mas com o cuidado e a provisoriedade que merecem. Desta forma, a pergunta “Formação inicial em EF para quê?” não é uma questão para ser respondida, tomando como referência Mario Osório Marques (1993), “de vez”, mas sim, “a cada vez”.

Inclusive, não se trata de uma questão a ser resolvida por uma tese ou um artigo, por exemplo, mas sim, pensada e respondida “a cada vez”, pelo movimento do próprio campo, em

---

<sup>3</sup> Teleologia é uma palavra derivada do grego *τέλος*, que significa ‘fim’. As origens da idéia de uma explicação dos fins é antiga, remontando a Anaxágoras, Platão e Aristóteles, este último, com a sua noção de que as coisas servem para algum propósito. Conforme Mora (2001, p. 665), foi empregada para designar a parte da filosofia que se propõe a explicar os fins das coisas.

diferentes contextos, na medida em que ele se movimenta, em um constante “respondendo”. Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber uma pluralidade de idéias a respeito dessa pergunta, conforme os recortes a seguir apontam.

*“[...] as possibilidades das respostas vão ter que ser dadas por aquele professor que consiga fazer as diferentes leituras, que atualize conceitos que talvez estejam muito ‘dados’. Parece que todo mundo sabe ‘para que EF’, mas se a gente não retomar, não der uma nova ênfase a esses conceitos que parecem dados, a gente vai estar, do ponto de vista do reconhecimento enquanto área, prejudicado, no sentido de não estar conseguindo justificar a presença em um currículo” (Professor Antonio).*

*“Para formar pessoas que possam atuar na sociedade, educando para uma vida melhor. Para se ter mais saúde e qualidade de vida e, acima de tudo, para ser senhor de si” (Professor Baltazar).*

*“Começando com uma questão fundamental hoje que nunca foi claramente respondida: EF para que? [...] Não é pra se imitar e copiar movimento, não é apenas para fomento a saúde, a EF da escola não é apenas para compensar o que a vida hoje não oferece, mas sim, possibilitar uma cultura, que é indispensável para a vida, para um bom viver, mas não de forma técnica e para uma chamada qualidade de vida, não assim, mas para uma necessidade realmente humana” (Professor Cezar).*

*“[...] porque existe um componente na formação geral dos jovens, das pessoas, que envolvem os aspectos físico-motores, os aspectos de relacionamento no ambiente esportivo, os aspectos de aprendizagem motora, não só com um fim em si próprio, mas como uma extrapolação para todas as áreas de vida das pessoas” (Professor Dionísio).*

*“[...] formamos um profissional que seja autônomo a partir do ensino fundamental e possa ter conhecimentos sobre atividade física, suficientes para não depender de uma academia” (Professor Everton)*

*“[...] um dos papéis da formação é a autonomia da possibilidade de operar com conceitos. A partir do domínio de conceitos, do domínio conceitual, eu domino os conceitos e posso operar com os conceitos no campo de treinamento ou posso operar com esses conceitos no campo escolar” (Professor Francisco).*

*“[...] os professores formados devem atuar com o processo de formação de ser humano em conjunto com outras áreas e a área escolar é primeiro passo, é uma área que não temos como esquecer, [...] porque se eles forem atuar numa escola onde os alunos vão passar 13 anos, 14 anos dentro da escola, para que isso? O que eles têm que ensinar lá? Que área é essa?” (Professora Gabriela).*

Como é possível perceber, os professores Antonio, Cezar e Gabriela também consideram que enfrentar conceitos muito dados parece ser uma necessidade para superar chavões e clichês que nos impedem de pensar. Da mesma forma, indicam a necessidade que a própria área tem de “se-problematizar”, esforço, ao que parece, não muito comum. Nesta perspectiva, aprender a operar com conceitos (Professor Francisco), de forma autônoma (Professores Baltazar, Francisco, Everton) em uma área que necessita de tratamento acadêmico (Professor Dionísio), parecem representar “saídas” importantes de serem consideradas no trato frente à questão proposta.

Nesta pequena síntese de convergência/divergência construída pelas falas dos colaboradores, é possível, mais do que simplificar a discussão, julgando seus argumentos, pensá-los como referências para qualificar a construção de novos argumentos.

Partindo dos recortes em tela, é possível alçar “autonomia” a um dos destaques apresentados pelos colaboradores, a ser explorado em uma reflexão mais elaborada, já que foi argumento expresso na fala de três colaboradores, mas importante destacar, implícito na fala dos demais, com significativa ênfase ao longo de cada entrevista. Porém, próximo do que afirma Tugendhat (2007, p. 32), mais do que apresentar o verdadeiro sentido da palavra, neste caso, autonomia, o mais importante é ter bem claro, entre os diversos significados possíveis que possuem, o significado com que se quer, neste caso, abordá-la.

Baseado em Kant, é possível argumentar de que o processo educativo é um processo de conquista de autonomia, de aprender a “pensar por si” sem a direção de outrem, respondendo com responsabilidade pelas escolhas realizadas<sup>4</sup>. Porém, autonomia é sempre um processo, no qual não é possível afirmar: “chegamos!”, pois estamos sempre “no meio” e, na medida em que adentramos novos horizontes, assumimos nossa condição de caminhantes.

Neste complexo processo, é importante pensar nos caminhos que podemos seguir, em meio ao próprio movimento do campo da EF na Educação Superior, construindo pontos de inflexão que permitem considerar sobre outras possibilidades, que não apenas “desempenhar um papel” em um *script* escrito por outros. Ou seja, uma condição que permite pensar que nossa história não está definida e ainda pode se dar por opção e não por destino.

Considerando então, a importância de uma formação para a autonomia, entendo que é necessário fomentar na formação inicial, o que Paulo Freire (1987) se referia como *Fome da cabeça*. Ou seja, mais que ensinar “coisas”, fomentar o desejo de conhecer, de querer saber mais, representa um ponto nevrálgico neste processo.

Especialmente, pois a universidade é um contexto no qual, como se refere Gadamer (2007), existem vários espaços vazios a serem preenchidos. Assim, aprender a reconhecer espaços ainda a serem preenchidos, nem sempre fáceis de reconhecer, pode representar um princípio fulcral para o processo de formação inicial. Um contexto que torne possível aprender a enxergar, “por si”, brechas no mundo, bem como, a operar dentro de uma tradição anterior, na qual o próprio campo se edificou, sem tutela, significa elevada importância para o trabalho docente neste âmbito. Isso representa uma possibilidade que nunca é totalmente realizada nos seres humanos e que recebemos para desenvolver a graus mais elevados para

---

<sup>4</sup> Lembro que autonomia se origina de *auto* (próprio) e *nomos* (leis), o que sugere a possibilidade de auto-legislação, porém, sem descolamento do mundo no qual este processo se desenrola.

todos, visto o objetivo da vida humana, de encontrar espaços livres e aprender a se mover neles (LAWN, 2007).

Partindo da pretensão de uma formação inicial que possa ser um espaço de construção de autonomia<sup>5</sup>, que se aproxime de uma compreensão ampliada de formação (*Bildung*), e não se reduza a uma cópia (*Nachbildung*), em um caminho por consequência ampliado, o trabalho docente nos processos de formação inicial possui o compromisso de alargar horizontes, tanto os próprios horizontes do professor, como os horizontes dos estudantes, sem incorrer no equívoco de uma formação estreita, restritiva, especializada precocemente. Lembrando Gadamer (2007), recorrendo a Hegel, quem se entrega a particularidades, nesse caso, particularidades em condição precoce, é inculto (*Ungebil*), perspectiva contrária a idéia de autonomia apresentada anteriormente e possivelmente contrária a noção de autonomia presente nos argumentos dos colaboradores.

Daí as críticas estabelecidas à formação com preocupações estritamente técnicas. Embora a formação técnica seja também necessária, ela não é suficiente para lidar com os desafios da docência na formação inicial. Se a formação técnica fosse suficiente, é possível retomar a antiga discussão, em que, por exemplo, um praticante de musculação ou um ex-jogador de futebol, ambos com muitos anos de prática, com conhecimentos específicos derivados de sua imersão nestas especificidades, bem poderiam ser ótimos instrutores de musculação ou futebol. Mas, se estes dois exemplos fossem atuar como instrutores de musculação ou futebol, quais seriam as contribuições de um curso de EF em suas trajetórias?

Utilizo como exemplo, uma situação ocorrida na disciplina de Fundamentos em EF (1º. Período na grade curricular do curso de Licenciatura em EF da Unochapecó). Neste grupo, havia uma aluna com longos anos de intervenção no balé clássico. Questionada por seus colegas, sobre sua “autoridade” para exercer esta função, por não ser “formada”, abriu-se espaço na aula para uma boa discussão a respeito do assunto. Ou seja, para quê ela estava neste processo de formação inicial? Obviamente, mesmo não sendo “formada”, ela sabe/sabia muito mais de balé clássico que eu, que completo em 2013, 21 anos de formação em EF. Sem a pretensão de “convencê-la” acerca das “benesses” do curso, abri espaço nesta aula para evidenciar as tensões entre os diferentes argumentos apresentados – parti da idéia de que eu mesmo, na condição de professor, deveria enfrentar esta questão, procurando superar moralismos ou legalismos, com o compromisso de ampliar meu próprio horizonte de

---

<sup>5</sup> Tanto técnica, ética, política, epistemológica, como expressam os objetivos de diversos cursos de EF, em diferentes universidades, inclusive, nas que serviram de palco para o estudo empírico base deste artigo.

compreensão a partir do esforço de conduzir e qualificar este “debate”, no qual os estudantes se manifestaram de diferentes formas, geralmente a favor ou contra a intervenção de sua colega. Com o cuidado que a discussão exigiu, após algumas rodadas de discussões, apresentei uma provocação a partir da conhecida frase: “o que um peixe sabe sobre a água na qual nada a vida inteira?”.

Partindo de questionamentos como este, a EF, enquanto processo de formação inicial, poderia permitir um alargamento da visão de mundo desta aluna, conduzindo-a a um saudável distanciamento daquilo que conhece e faz em seu cotidiano. Assim, a partir deste distanciamento saudável, sem perder a organicidade com o próprio fenômeno, do qual ela também é parte, poderia ampliar a janela pela qual ela o percebe – ou seja, esforço que permitiria inclusive, questionar a tradição, ou não, do balé – algo provavelmente impensável para uma bailarina/professora na condição de apaixonada e defensora do balé. Talvez dessa forma, passando por eventos de experiência genuína no processo de formação inicial e por ampla formação teórica, possa sair da condição de uma instrutora apaixonada pelo balé, para a condição de uma professora de EF que lida com a tradição do balé, provavelmente com um arcabouço de conhecimentos mais alargado, que contribua com sua intervenção docente, permitindo maior “inteligência de navegação” em sua trajetória profissional, neste caso, possivelmente mais autônoma e qualificada<sup>6</sup>.

Para Gadamer (2007, p. 49), baseado em Hegel, a formação teórica conduz para além do que os seres humanos sabem e vivenciam de imediato, o que permite considerar que também o diferente tem sua validade e o encontro com pontos de vista universais permite compreender mais claramente “a coisa” em um processo contínuo de familiarização e estranhamento, e nova familiarização e novo estranhamento, sempre, de novo, e de novo, em um círculo infinito que não acaba, que nos permite uma ampliação de nossa capacidade humana de compreender o mundo, a nós mesmos e aos fenômenos com os quais nos deparamos.

---

<sup>6</sup> Isso permite pensar como construímos nossas verdades. Como metáfora disso, trabalho com os estudantes, o filme “A vila” (The Village), de M. Night Shyamalam. O filme se passa na zona rural da Pensilvânia em 1987, e conta a história de um pequeno vilarejo de Covington, com uma pequena população de 60 pessoas, rodeada por uma floresta onde os habitantes da vila acreditam haver criaturas míticas. Os moradores são livres, mas possuem uma restrição: todos são proibidos de adentrar a floresta, ou seja, todos os habitantes da vila devem viver isolados do restante do mundo, já que ninguém do exterior pode entrar lá também. Há postos de vigia, que servem tanto para afugentar as criaturas como para certificar que ninguém tentará fugir da vila. Entretanto, o vilarejo começa a ser ameaçado quando um morador começa a questionar sobre o confinamento das pessoas de lá. O final é surpreendente e pode servir de ilustração para compreendermos melhor como se edificam nossas próprias crenças, nossas relações com o mundo, bem como, nossa noção de verdade, nem sempre, retrato “fiel” do mundo.

Desta forma, mais que ensinar o que pensar, a formação inicial deve contribuir significativamente com o ato de pensar, mas o pensar por si, de forma autônoma, fundamentada e responsável, fomentando a capacidade de discernimento dos estudantes, explicitando o compromisso dos professores com futuras gerações, em qualquer presente, especialmente na Educação Superior, no processo de formação inicial, que no caso da EF, se constitui como um “lugar” com preocupações para formar professores qualificados para atuar em qualquer contexto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Na perspectiva de sinalizar pontos de chegada, considerando os limites de qualquer comunicação escrita, apresento a seguir alguns apontamentos na direção de explicitar a forma como entendo ser possível “concluir” acerca da questão título deste texto.

a) Na formação inicial, é importante tratar este momento como um momento onde um mundo se abre para os estudantes, e a tarefa do professor é apresentar a eles como o mundo, nesse caso, da EF, funciona, sem a pretensão de ensiná-los como e para onde se movimentar. Se a perspectiva aqui é a busca pela autonomia, aquilo que se constrói pelo próprio esforço deixa encravado nas pessoas marcas que nunca mais se apagam. Ou, como se refere Wagenschein, citado por Kunz (1999), o que descobrimos por conta própria (autonomia) nos deixa pistas/caminhos, que depois podem ser usadas para outras possibilidades e oportunidades de conhecimento.

b) Nesse caso, apresentar um mundo específico, tal como a EF, sem desconsiderar o entorno onde ele se edifica, exige do professor um olhar “panorâmico” e crítico endereçado ao campo e seu entorno. Desta forma, especializações precoces não são bem vindas, pois os estudantes necessitam de tempo para aprender sobre as diferentes “Educações Físicas”. Assim, mesmo em um contexto que tem finalidades expressas (projeto pedagógico, plano de ensino, ementa, entre outros), onde não “vale-tudo”, é possível abrir espaços para que, por um lado, professores e estudantes percebam o movimento de diversidade no interior da EF brasileira, e por outro, aprendam a identificar que no interior do campo há talvez, muito mais semelhanças do que se percebe a primeira vista.

c) Essa “visão panorâmica” e crítica na formação inicial representa que os conhecimentos tratados se alargarão em espectro, mas serão, possivelmente, diminuídos em profundidade. Talvez, alguns aprofundamentos ao final do curso. Um deles poderia ser o “aprofundamento na docência”, como referido pelo Professor Cezar. Porém, ainda mais do



que aprofundamento, entendo que seria importante tratar a docência como centralidade do processo de formação. Ao mesmo tempo, temos de contar com o estudante, futuro professor, para lidar com os problemas do mundo, apostando em sua autonomia e capacidade para resolver problemas, de forma responsável e qualificada. Desta forma, um processo de formação inicial deveria, a princípio, admitir a convivência entre “isso e aquilo” no decorrer do curso, ao invés de especificar “isso ou aquilo”, como em muitos casos se percebe. Aí está outra responsabilidade da docência na Educação Superior, superar a idéia de defender “um” sub-campo específico, entendendo-o apenas como o lugares de onde se fala, sem pretensões metafísicas.

d) Para dar conta deste esforço comunicativo, um professor na Educação Superior em um campo como a EF necessita exercitar a capacidade de construir “pontes” ao invés de “muros”. Talvez possíveis “pontes” qualifiquem possíveis respostas frente a diferentes perguntas importantes ao próprio campo. Um professor de EF na Educação Superior possui um universo de possibilidades para construir “pontes”, “janelas” que se abrem entre o saber e o não-saber, entre o seu mundo e o mundo dos estudantes, entre a tradição do campo e a vida de cada um, em meio a possibilidades de experimentar o mundo pela perspectiva do encontro com a cultura corporal de movimento, que pode permitir um alargamento dos horizontes pelo qual construímos e nos construímos no mundo. A EF passa então, a proporcionar contribuições para o estudante compreender, para além do vivenciar, a cultura corporal de movimento. Esse pano de fundo permite ampliar o espectro da intervenção dos docentes nos processos de formação, admitindo uma importância ao campo que transcende o fazer, sem, absolutamente, abrir mão dele.

e) Nesse caso, penso que uma formação inicial pode fazer com que as pessoas tenham um olhar mais alargado sobre o mundo, pela “janela” que a EF perspectiva. Um processo que tenha o compromisso de possibilitar uma formação que seja profissional, pessoal, cultural, musical, artística, estética, erudita, técnica. Por exemplo, que considere a necessidade da aprendizagem de outros idiomas – lembro uma passagem de Gadamer, na qual afirma que, ao conhecermos outras línguas, abrem-se novas “janelas” para o mundo. Porém, importante reconhecer que, uma proposição como esta, em seu conjunto, é impossível de ser pensada em um período de três ou quatro anos. Neste caso, a formação deve se preocupar em deixar marcas nos estudantes que não os permita abandonar sua formação como um projeto ao longo da vida. Considero de elevada importância levar a sério a possibilidade de pensar processos de formação ampliados, sob risco de, ao invés de um alargamento de mundo na formação

inicial, promovermos um estreitamento da visão de mundo, sob a lógica de uma formação restritiva. Talvez seja importante, ao promover reflexões acerca do processo de formação inicial, levar a sério uma frase de Warren McCulloch, citada por Damásio (1996, p. 33): “Quando aponto, olho para onde aponto, e não para meu dedo”. Esta frase nos mostra de forma impactante uma amplitude de possibilidades para os processos de formação inicial, possibilidades que não necessitam se apresentar de imediato, mas fundamentalmente, que nos permitam enxergar a importância de deixar em aberto as portas para o futuro.

f) Nessa trajetória, é importante abandonar a postura de querer, pretensamente, na formação inicial, prever e resolver os problemas do egresso. É possível admitir que essa “promessa” é muito constante, talvez ainda derivada da idéia de formação universitária como porto de chegada. Por mais óbvio que pareça, como bem expresso pela Professora Gabriela, a formação inicial não é mais o último estágio da formação, mas o inicial. A educação/formação deixou então, de ser um *estágio* na vida para ser *parte* da vida das pessoas. Isso por um lado pode ser interessante, pois pode nos levar a “não parar mais” de conhecer. Por outro, aprisiona-nos em uma “gaiola de ouro”, que, mesmo de ouro, ainda é uma gaiola. Esse “não parar mais” vem se dando com uma velocidade impressionante (em uma sociedade capitalista, a velocidade é que nos sustenta e, tal como um ciclista para se manter em equilíbrio, não podemos “parar”). Desta forma, é importante assumir uma condição de finitude nos processos de formação inicial, entendendo-o como um momento significativo, mas que deve ser percebido na condição hermenêutica em que se encontra. Nesse caso, temos de contar com a inteligência de navegação dos egressos e da confiança de que foram suficientemente seduzidos a não aceitarem com facilidade a condição de “não saber”, reconhecendo os limites deste empreendimento.

g) O campo da EF passou, em determinado momento da história, a lidar no plano acadêmico, científico e profissional, com manifestações anteriores a ele, tais como a dança, as lutas, o jogo e o esporte, entre outros. Assim, a EF possui uma particularidade, pois é uma das poucas áreas do conhecimento que lida com a dimensão prática como um meio de seu próprio desenvolvimento. Nesse caso, a dimensão da “coisa prática” é uma expressão de excelência para perceber a condição humana, em uma área do conhecimento que lida com possibilidades de plenitude da vida humana, que se dá no jogo, na dança, enfim, nas manifestações da cultura humana de onde brotam experiências de/com o movimento.

Portanto, sem esquecer a formação técnica, a noção de alargar as “janelas” pelas quais olhamos o mundo, ampliar nossa possibilidade de nos orientarmos nele de forma qualificada,

bem como, nossa capacidade de estranhamento e problematização da realidade, perspectiva uma formação para a autonomia como categoria central no espaço da formação inicial pode representar importantes contribuições dos docentes aos futuros professores nos processos de formação inicial em EF.

Assim, entendo que o papel docente na Educação Superior seria desafiar os estudantes ao desejo de querer saber mais sobre o campo no qual se debruçará como egresso, em um movimento que não se contenta com a formação de um operário especialista, mas perspectiva a formação de um intelectual com autonomia para assumir uma postura interrogativa, exercitando a capacidade de ver o mundo por lentes mais alargadas, o que permite abrir a possibilidade de alargar também esta postura para o trabalho docente nos processos de formação inicial.

Finalizo recorrendo a uma ideia já desenvolvida nos escritos de Theodor W. Adorno, Paulo Freire e Maurice Tardif. Por diferentes caminhos, afirmaram que, na educação, o objetivo último dos professores é formar pessoas que não necessitem mais de professores, porque serão capazes de dar sentido a sua própria vida e a sua própria ação. Ou seja, no momento em que ocorre a formação, por sua própria finalidade, ela necessita deixar de existir, devido a pretensão da formação para uma vida de autonomia responsável e qualificada. Portanto, penso que uma das possibilidades, entre as que ainda nos restam, enquanto docentes da Educação Superior, é uma abordagem “panorâmica”, erudita e crítica do campo e de nosso próprio trabalho, que permita a auto-reflexão sobre o trabalho docente nos processos de formação inicial. Lembro que compreender melhor as finalidades de nosso próprio trabalho não se trata de outro esforço senão compreender melhor o mundo no qual vivemos, tarefa que não se trata de outra coisa, senão nos conhecermos melhor, em um jogo infinito que não acaba nunca, mas sempre se renova. O desafio nada fácil que nos cabe é qualificar este movimento.

## INITIAL FORMATION IN PHYSICAL EDUCATION FOR WHAT?

### ABSTRACT

*This text is one fragment from the previous research that investigated the teacher work in Superior Education at field of Physical Education (PE), from a hermeneutic perspective. The aim is to discuss about the finality of the initial formation at PE. The "findings" presented are from a fragment of field work developed between 2009 and 2010. An finality of the initial formation is to provide one "panoramic" approach, erudite and critical of the PE, in one movement that perspective a formation for the responsible autonomy in to face the challenges of the contemporary world.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Initial Formation; Physical Education; Purposes.

## FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÉ?

### RESUMEN

*Este texto es extracto de un estudio anterior, que abordaba la enseñanza en la Educación Superior en el ámbito de la Educación Física (EF), desde una perspectiva hermenéutica. El objetivo ahora es discutir sobre los propósitos de la formación inicial en la EF. Los "resultados" presentados son parte del trabajo de campo realizado entre 2009 y 2010. Uno de los propósitos de la formación inicial sería proporcionar una "visión panorámica", erudita y crítica de la EF, en una perspectiva para la autonomía responsable para hacer frente a los desafíos del mundo contemporáneo.*

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial; Educação Física; Propósitos.

### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Â. C. B. *Novas abordagens sobre o currículo de formação superior em Educação Física no Brasil: memória e documentos*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999.
- BALBINOT, R. *Medievalidade, modernidade e pós-modernidade: teorias da educação e questões para a docência no ensino superior*. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2006. (MIMEO).
- DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes*. Emoção, cérebro e razão humana. 8ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2007.
- GONZALEZ, F. J. As disciplinas esportivas na formação superior: o que aprender e ensinar? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v.21, n.1, p. 585-592, 1999.
- GONZALEZ, F. J. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Movimento*, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 213-229, 2004.
- GONZALEZ, F. J. Potencialidades e limites de uma proposta alternativa de estudo do esporte na formação superior em educação física: olhares de professores e acadêmicos. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XV – Congresso Internacional de Ciências do Esporte, III, 2007, Recife. *Anais...* Recife, 2007.
- KRÜGER, L. G.; KRUG, H. N. Licenciatura em educação física: concepções a partir da vivência experienciada dos professores do ensino superior em seu percurso formativo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 51-70, 2009.
- KUNZ, E. Esclarecimento e emancipação: pressupostos de uma teoria educacional crítica para a educação física. *Movimento*. Ano V, n. 10, p. 35-39, 1999.
- LAWN, C. *Compreendendo Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MARQUES, M. O. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Unijuí, 1993.
- MORA, J. F. Teleologia. In: MORA, J. F.. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes: São Paulo, 2001, p. 665-668.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, M.; SILVA, M. A. A. A problemática da educação física no ensino superior. In: Jornada Acadêmica, 3, 2003, Maceió. *Anais...* Maceió: Faculdade de Alagoas, 2003.
- REZER, R. *O trabalho docente na formação inicial em Educação Física: reflexões epistemológicas...* 2010. 394 fls. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2010.
- REZER, R.; NASCIMENTO, J. V.; FENSTERSEIFER, P. E. Um diálogo com diferentes “formas-de-ser” da Educação Física contemporânea – duas teses (não) conclusivas... *Pensar a*

*Prática*. Goiânia, v. 14, no. 2, p. 01-14, mai/ago, 2011.

REZER, R.; FENSTERSEIFER, P. E.; NASCIMENTO, J. V. Aproximações com a hermenêutica: um referencial para o trabalho docente no campo da Educação Física... *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 115-135, abr/jun de 2011.

REZER, R. *et al.* O trabalho docente na Educação Superior – reflexões epistemológicas no campo da Educação Física... *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, no. 4, p. 891-908, out-dez, 2012.

TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. 6ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.